

# aspectos da identidade americana

Dilvo I. Ristoff



## ASPECTOS DA IDENTIDADE AMERICANA

DILVO I. RISTOFF\*

A busca de uma identidade é vital para a formação de um país. E nenhum país pode ser considerado uma nação se seu povo não estiver de algum modo envolvido na avaliação de sua experiência passada e coletiva e na procura da síntese que se constituirá na identidade do país — sua afirmação interna e sua imagem externa.

A crise de identidade nacional é uma reação, tipicamente colonial, aos valores de seus países de origem — dos quais os novos países distanciam-se à medida que passa o tempo, à medida que experiências grupais singulares se desenvolvem e à medida que divergências econômicas surgem no caminho.

Os EEUU não são exceção. O 4 de julho, data nacional da independência dos EEUU, teve uma enorme importância em sua história, mas foi apenas mais um passo, mais uma importante vitória numa batalha interminável pela afirmação de um novo estado político, social e cultural. Em termos bem simples, politicamente o 4 de julho significou o rompimento de relações com a coroa britânica e a criação de uma confederação (que mais tarde evoluiu para uma federação) de estados autonomamente interligados. Socialmente, entre outras coisas, significou o desenvolvimento de uma democracia onde todos tivessem oportunidades iguais (pelo menos teoricamente), em oposição à tradicional aristocracia da velha Inglaterra. Culturalmente, significou o desenvolvimento de uma nova consciência com relação às artes. É com essa "nova consciência" que vemos surgir nos EEUU a necessidade de criar uma arte que fosse sobretudo americana. Americana tinha de ser a literatura; americana tinha de ser a música, a arquitetura e a pintura.

---

\* Professor do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina.

Meio século havia se passado e o país ainda não sabia definir o que era afinal de contas "americano". Não havia algo como uma literatura que se pudesse chamar de "americana". Literatura Americana certamente não era aquela se escrevia nos EEUU. Este critério geográfico tinha mais a ver com cidadania do que com nacionalidade, e não satisfazia as novas gerações. O que se desejava e necessitava era de uma literatura e de uma arte que respondessem a estímulos locais, aos desejos da nação, aos seus sucessos, fracassos, sofrimentos e à sua interação social. Mas, a única maneira de se chegar a uma tal literatura era através do rompimento definitivo com o passado. O "repúdio pelo conhecimento acumulado no passado" tinha de ser a resposta. E este repúdio, que em geral reveste-se de anti-intelectualismo, atingiu seu ponto mais alto com os escritores do século XIX. Nesta lista podemos incluir, entre outros, escritores como Emerson, Thoreau, Whitman, Melville, Hawthorne, Twain, Poe e Crane. Tentarei mostrar brevemente como estes escritores reagiram ao problema da busca de uma identidade para a nova nação e como e onde eles diferem um do outro.

Para tornar simples uma coisa complexa, devemos agrupar as várias tendências intelectuais em pelo menos três principais posturas, tomando o DIRECIONAMENTO dos escritos como critério. Decidi chamar estas posturas de:

1. anti-livresca
2. anti-puritana
3. anti-aristocrática

O movimento anti-livresco foi desenvolvido especial e explicitamente por Emerson, Thoreau, Twain e Whitman. Destes, Emerson e Thoreau são, sem dúvida, os mais radicais dos três. Em sua introdução à "Nature" (Natureza) Emerson fala muito claramente sobre o direito e o dever de cada geração de criar sua própria história, seus próprios valores:

As gerações que nos precederam enfrentavam Deus e a natureza face a face; nós, através de seus olhos. Por que não deveríamos nós também gozar de uma relação original com o universo?(1962:1002)

Este movimento anti-livresco não tinha a intenção de ser dirigido contra livros em geral, mas, principalmente, contra a literatura européia existente, à qual os americanos, até então, sentiam-se inextricavelmente presos. Em segundo lugar, este pensamento Emersoniano dirigia-se contra uma atitude, um modo de vida, uma forma de aprendizagem. Emerson acreditava que havia chegado a hora de os americanos criarem os seus próprios valores, seu próprio modo de vida, e, para alcançá-lo era aconselhável e necessário não olhar para o passado mas para o futuro. Portanto, enquanto ele reconhece em "The American Scholar" que "há naturalmente uma certa quantidade de leitura indispensável para ser um homem sábio", Emerson chama a nossa atenção para o perigo de nos tornarmos "ratos de biblioteca, emendadores e bibliomaníacos de toda a espécie, esquecendo-nos que a riqueza da linguagem e do intelecto está na riqueza da experiência do indivíduo. Emerson vai ao ponto de declarar que:

Cada época ..... deve escrever seus próprios livros; ou melhor, cada geração para a próxima geração subsequente. Os livros de um período mais remoto não se adaptarão a este. (1962:1039)

O que estas palavras significam mal necessita de uma explicação. O repúdio ao passado está ruidosamente expresso. E o passado significa a Europa, a Inglaterra, o berço da nação americana.

Mas, as palavras de Emerson estão, repito, igualmente dirigidas a um segundo ponto, i.e., a uma nova forma de aprendizagem. Emerson não apenas destaca o perigo de permanermos presos ao passado, mas sugere uma nova abordagem na preparação do futuro e do nosso aperfeiçoamento pessoal:

Os livros são para os momentos de lazer do intelectual. Quando ele pode ler Deus diretamente, a hora é preciosa demais para ser desperdiçada com transcrições que outros homens fazem de suas leituras. (1962:1041)

A aprendizagem pela experiência direta é, portanto, para Emerson, o aspecto que deve ser enfatizado. A leitura deve ficar para as horas de lazer. Ela não deve, sob hipótese

alguma, torna-se a principal fonte do nosso aprendizado. A natureza fala a linguagem de Deus, que, segundo Emerson, é decisivamente melhor, mais perfeita e clara do que qualquer tipo de transcrição humana.

Thoreau assume postura semelhante com a sua ida a Walden ou à natureza. O que Thoreau queria com a sua experiência de viver sozinho junto à natureza virgem durante dois longos anos era demonstrar o quanto as potencialidades humanas podem se desenvolver e o quanto o homem pode aprender com o contato direto com a natureza. Ao invés de irmos aos livros, vamos a natureza!! — esta é a mensagem que Thoreau enfatiza.

A busca do novo homem americano — um homem que extrai do solo americano a cultura e o conhecimento da nação — continua com Thoreau e adquire um significado bastante abrangente. Desta vez, distinguindo-se de Emerson, o escritor não apenas escreve sobre a volta à natureza — ele o faz pessoal e fisicamente como aliás fizera anteriormente no tocante às suas posições políticas quanto à guerra de secessão, consagrando-o como pai da desobediência civil nos EEUU.\* E para torná-lo ainda mais significativo, Thoreau vai a Walden no dia 4 de julho — o dia que passou a simbolizar a verdadeira independência em áreas que já não eram apenas políticas e econômicas, mas também culturais.

Walden, o livro de Thoreau sobre a sua experiência junto ao Lago Walden, está repleto de passagens anti-livrescas. Às vezes, entretanto, considerando-se as citações que Thoreau faz dos mais diferentes tipos de escritores e, considerando certos trechos do livro, nós nos perguntamos se não há uma contradição entre seus atos e suas palavras. Mas, consideremos primeiro esta citação de seu livro Walden:

---

\* Conta-se que Thoreau foi preso por recusar-se a pagar impostos durante a Guerra de Secessão, por ser contra a mesma, e que Emerson ao visitá-lo na prisão perguntou-lhe: "o que está fazendo aí dentro?" A que Thoreau respondeu: "o que está fazendo aí fora?"

"Mas, diz um deles, "você não quer dizer que os estudantes devem trabalhar com as suas mãos em vez de trabalharem com as suas cabeças?" Não quero dizer exatamente, isto, mas, quero dizer... que eles não devem brincar de viver ou meramente estudar a vida, enquanto a comunidade os sustenta neste jogo dispendioso, mas que eles devem honestamente vivê-la do princípio ao fim" (1963: 37).

Viver a vida é muito mais enriquecedor do que estudá-la em livros. A experiência de primeira mão jamais poderá ser adequadamente substituída ou compensada por experiências de segunda ou terceira mão.

Nesta mesma direção de pensamento, Thoreau continua alertando para o "perigo de esquecermos a linguagem que todas as coisas e eventos falam sem metáforas" (Sons), porque tendemos a nos confinarmos em livros e a negligenciarmos o fato de que "a terra é poesia viva como as folhas de uma árvore que precedem as flores e os frutos" (Primavera).

Antes de destacarmos as possíveis contradições em Thoreau, é necessário dizer uma vez mais que sua postura anti-livresca está essencialmente voltada à criação de uma identidade nacional. Já foi assinalado que sua atitude prática de partir para Walden no dia 4 de julho tinha a nítida intenção de marcar a necessidade americana de um homem capaz de criar uma nação de dentro para fora, uma nação que não copiasse a Europa.

Embora encontremos esta impetuosa postura anti-livresca em Thoreau - como pessoa e como escritor, não podemos esquecer que ele demonstra alguma apreciação por grandes livros:

"Os trabalhos dos grandes poetas não foram lidos pela humanidade, pois apenas grandes poetas sabem lê-los" (1963:78).

ou ainda:

Não é de admirar que Alexandre carregou consigo a Ilíada em suas expedições, em um precioso baú. Uma palavra escrita é a mais seleta das relíquias (1963:76).

Pelo menos aparentemente, estas citações contradizem as previamente apresentadas. Não é difícil de concluir entretanto que a mensagem de Thoreau é que a menos que saibamos COMO ler, a leitura é inútil, pois somente aqueles que têm uma idéia sobre o que trata um poema podem verdadeiramente compreendê-lo. Ler bem significa ter tido boas experiências prévias. Portanto, o que Thoreau está na verdade criticando é a leitura fácil da sociedade americana — que faz dos livros a sua principal fonte de aprendizado. Considerando outros dados, entretanto, fica claro que Thoreau coloca um valor muito maior nos livros do que Emerson — um detalhe difícil de entender tendo em mente a abordagem prática de Thoreau e comparando-o com Emerson que era mais um homem de palavras do que de ação.

A atitude anti-livresca de Walt Whitman pode ser cristalinamente evidenciada em seu famoso poema "Song of Myself". Neste poema vemos o novo Adão do paraíso americano como um homem capaz de produzir conhecimento através de suas experiências diretas e singulares:

Não mais tomarás as coisas em segunda mão, nem  
olharás com os olhos dos mortos, nem alimentarás  
os espectros dos livros,  
Nem olharás com os meus olhos, nem receberás de  
mim as coisas,  
Darás ouvidos a todas as versões e tu mesmo as  
filtrarás (1967:38).

O Adão americano deve produzir e não apenas reproduzir. Novamente, ser contrário aos livros significa ser contrário ao passado e aos mortos. A atitude também implica em valorizar a experiência direta, a informação colhida em primeira mão. Portanto, "suspendamos credos e escolas", clama Whitman nos quatro cantos do universo, para que possamos criar uma experiência única e genuína — totalmente nova e nossa, sem quaisquer interferências do peso do passado e do pó dos livros.

Mark Twain expressa a atitude anti-livresca especialmente em seu livro As Aventuras de Huckleberry Finn. Os diversos contrastes satíricos que são feitos com relação a Tom

Sawyer e Huck Finn nos soam decisivamente favoráveis a este. Assim, é comum ver as críticas a Tom Sawyer vinculadas aos livros, pois Tom age de acordo com o que neles está escrito e não segundo os ditames da realidade circundante:

Todos disseram que era um bonito juramento, e perguntaram a Tom se ele tinha tirado tudo de sua própria cabeça. Ele disse, que parte sim, mas que o resto tinha sido tirado de livros de piratas e ladrões, e que toda "gang" que se prezasse o fazia assim (1967:273).

A ridicularização do mundo desvinculado da realidade está mais do que evidente no contexto das ponderações de Huck. Os livros, em especial os românticos, não pertencem à realidade mas a um mundo faz-de-conta. Assim sendo, o próprio Huck expressa a sua antipatia por livros quando diz:

No início eu detestava a escola, mas, com o tempo, até que consegui aturá-la (1967:278).

Huck nunca expressou qualquer tipo de simpatia pela escola. Ele é capaz de aturá-la mas jamais de amá-la. E se ele a amasse, tornar-se-ia Tom Sawyer, um garoto pertencente ao mundo dos livros e não à vida propriamente dita. Portanto, não é de estranhar que Huck se sinta tão bem em cima de sua jangada e longe dos livros:

Era uma vida descansada e feliz, ficar deitado o dia todo, fumando e pescando, e nada de livros, nada de estudo (1967:285).

Da felicidade de Huck longe dos livros pode-se determinar quão mal ele se sentia perto deles. Eram uma chatice. Eram cansativos de fazer dormir.

Mas, a atitude anti-livresca de Mark Twain vai mais longe. Não podemos esquecer, por exemplo, que a sociedade em que Huck vive está sendo orientada por um livro (a bíblia) que, para espanto de Huck, foi escrito por pessoas que já estão mortas. A viúva Douglas, um tipo ridículo que pretende "civilizar" Huck, busca toda a sua filosofia de vida na bíblia, um livro que para Huck não diz coisa com coisa e que faz com que tenha certeza de que o inferno, e não o céu, é que é um lugar verdadeiramente habitável. Também deveríamos

ainda considerar as críticas que Pap, o pai de Huck, faz contra o "aprender a ler" e à educação. O velho bêbado é um elemento significativo de ponderação sobre temas como o esnobismo, o status social, a religião e a justiça. Mas, este já é outro assunto.

O anti-puritanismo é a segunda grande manifestação intelectual do século XIX. Os principais representantes deste grupo são Hawthorne, Melville, Emerson e Twain.

Os puritanos norte-americanos tendiam a encarar a literatura como tendo ou um propósito religioso ou educacional. Tudo tinha de levar a Deus. Se não o fizesse, tinha de ser banido. Os puritanos jamais aceitaram a arte pela arte. Um escritor que não estivesse seriamente engajado na pregação, de uma forma ou outra, do evangelho ou de uma lição de moral muito facilmente recebia o rótulo apropriado: degenerado. Foi contra esta estreiteza que Hawthorne reagia ao escrever em seu "The Customs-House":

"O que é que ele faz?" murmura uma sombra cinzenta de meus antepassados à outra. "Um escritor de livros de estórias! Que tipo de atividade na vida — que modo de glorificar a Deus, ou de ser serserviçal à humanidade em seus dias e em sua geração — pode ser tal coisa? Nossa, o degenerado bem que podia ser violinista!" (1972:41)

Hawthorne preocupa-se com este espírito castrador das artes. E a sua preocupação se insere em outra mais ampla — a preocupação com a renovação dos valores da comunidade puritana como um todo:

A natureza humana não florescerá mais que uma batata, se for plantada e replantada, durante muitas gerações, no mesmo solo desgastado. Meus filhos... hão de lançar suas raízes em solo desajustado (1976:43).

Neste e noutros exemplos vemos que para Hawthorne o homem não é mau devido a uma perversão inata (innate depravity). Pelo contrário, trata-se do resultado do solo, da interação social que permite que a natureza humana se desenvolva ou pereça. The Scarlet Letter e Young Goodman Brown são uma demonstração clara de que o mal tem suas raízes no isolamento

e na alienação. Dimmesdale — sempre fechado em si mesmo — e Chillingworth — por muito tempo longe da sociedade — são exemplos nítidos da perspectiva Hawthorniana que vê no isolamento o sinônimo perfeito do mal e do pecado. Os puritanos não aceitavam tal ponto de vista. Para eles o homem era nascido do pecado e naturalmente portador do pecado e somente um ato de graça divina poderia salvá-lo. Neste sentido, o ponto de vista Hawthorniano é energicamente anti-puritano. Em outras palavras, o que Hawthorne está dizendo é que podemos discordar dos valores da sociedade, mas isto não significa que devemos fugir dela e nos alienarmos, atitude que caracteriza Young Goodman Brown — o homem que se isolou, falou com o diabo e perdeu a fé na humanidade.

O ponto de vista de Melville é muito semelhante ao da Hawthorne. Ambos os autores consideram a alienação como sinônimo do mal. Ahab, portanto, é semelhante a Chillingworth, Young Goodman Brown e Dimmesdale neste sentido. O isolamento do capitão Ahab é forte a ponto de ter perdido a compreensão comum do homem comum.

Na cabine não havia companhia; socialmente Ahab era inacessível. Embora estivesse nominalmente incluído no censo da cristandade, ele continuava alheio a ela (1972:250).

Ahab na verdade adquire compreensão humana outra vez ao falar com Starbuck e ao olhar em seus olhos. É este o único momento em todo o livro em que Ahab vê a vida como alguém que pertence ao mundo e à comunidade dos homens.

Vejo minha mulher e meu filho em teus olhos (1972:652).

Pode, portanto, ser concluído que para Melville, também, o mal está no isolamento — um conceito que é profundamente diferente do dos puritanos que pregavam a "depravação inata".

Mas Melville parece perfeitamente consciente da complexidade do social. Ocupa-se das mais diferentes e esdrúxulas sociedades que compõem a humanidade, ora criticando ora admirando a composição social — os rituais religiosos, os mores

e folkways que caracterizam grupos específicos. (Ver "Wheelbarrow" e "Ramadan"). A crítica de Melville dirige-se ferozmente às formas estreitas de julgamento de uma comunidade sobre a outra, sempre com base em seus próprios valores. Queequeg literalmente zomba da idéia dos cristãos de acharem que a verdade está com eles. Para mostrar a relatividade dos valores, Queequeg conta histórias de cristãos que visitaram o seu país e o seu povo e que da mesma forma que ele causaram riso e ridículo em sua comunidade. Mas, a ironia de Melville com relação à comunidade puritana torna-se ainda mais evidente nesta passagem de Moby Dick:

Eu era um bom cristão; nascido e criado no coração da infalível igreja presbiteriana. Como podia eu então unir-me a este idôlatra selvagem na adoração de seu pedaço de madeira (1972:147).

Ao tornar-se amigo de Queequeg, Ishmael admite a existência de outras religiões e culturas além da puritana e cristã. Isto certamente implica numa crítica nada sutil à certeza dos puritanos de que eles eram o povo escolhido por Deus.

Emerson foi quem mais veementemente desafiou as bases das crenças puritanas. Suas divergências doutrinárias com os puritanos podem, de modo muito resumido, ser apresentadas como segue:

1. Emerson rejeitava a autoridade da igreja, da bíblia e o conceito antropomórfico de Deus. Foi considerado um herético pelos puritanos (Ver Self-reliance).
2. Emerson rejeitava a teologia dos primeiros habitantes da Nova Inglaterra e se recusava a crer na trindade e nos milagres. O Deus Emersioniano tende a ser mais panteísta, mais imanente, mais no mundo do que distante dele.
3. Emerson era enfaticamente contrário à ênfase sobre o pecado e a punição pelo fogo.

4. Emerson não aceitava o ponto de vista puritano de que apenas a misericórdia ou a graça divina pudessem salvar o homem do mal, que para ele não era inato. A crença de Emerson era de que o homem é essencialmente bom pois Deus está nele. Ele deveria, portanto, confiar em sua natureza. (Ver "Nature" e especialmente "Self-Reliance"). Em outras palavras, Emerson proclamava para todos o que os puritanos proclamavam para uma minoria de escolhidos pela graça divina.

Mas, apesar destas divergências, Emerson também era um puritano. Não devemos esquecer, por exemplo, que o individualismo é um elemento retumbantemente enfatizado pela moral puritana, como o são também a inibição com relação ao lazer, ao amor físico e à ênfase sobre o amor espiritual. Finalmente, Emerson de modo semelhante ao puritano não aceitava o conceito de "ars gratia artis". A arte, para Emerson, também tinha de ter um propósito educacional — tinha de ensinar alguma coisa útil às nossas vidas. Para Emerson como vimos a leitura era uma ocupação frívola (Ver "American Scholar") a menos que tivesse um objetivo nitidamente pedagógico, como os seus ensaios.

As tendências anti-aristocráticas podem ser vistas com mais clareza em autores como Whitman, Twain e Hawthorne, embora também seja possível identificá-las em Edgar Allan Poe, especialmente em seu conto "The Fall of the House of Usher" em que uma antiga família aristocrática entra em decadência através de um lento processo de endogenia.

Todo o poema "Song of Myself" (Canto de Mim Mesmo) de Walt Whitman é, na verdade, anti-aristocrático, uma vez que para Whitman não existe passado, não existem pais, não existe Inglaterra. O novo Adão é um resultado da integração do corpo e da alma, e é fruto da inocência. A negação do passado é ao mesmo tempo um repúdio a todos os elementos a ele ligados — inclusive a aristocracia e seus valores. Whitman é essencialmente um poeta democrático:

... eu dou o sinal da democracia,  
Por Deus! Jamais aceitarei qualquer coisa que não  
possa ser compartilhada por todos nos mesmos ter-  
mos (1967:55).

Aqui e em muitas outras ocasiões, Whitman é visivelmen-  
te Emersoniano. Ambos exigem os mesmos direitos para todos  
— o que além de ser anti-puritano é um conceito claramente  
anti-aristocrático.

A identidade de Whitman com todos os segmentos soci-  
ais, indistintamente de classe, cor, raça, profissão, etc. é  
o tema de sua poesia. E não podia ser diferente porque "cada  
átomo que me pertence, pertence também a ti." Para Whitman realmente  
não importa quem ou o que você é. O que importa é que eu e  
você somos uma e a mesma coisa, o que quer dizer que todos  
nós devemos ter os mesmos direitos e oportunidades, pois os  
conflitos, os desequilíbrios que afetam a você também afetam  
a mim. A unidade na diversidade, ainda hoje lema da na-  
ção americana — embora livremente usado para manter as desi-  
gualdades sociais do seu sistema capitalista, nacional e in-  
ternacionalmente, era para Whitman uma noção democrática e  
também de justiça.

Hawthorne, ao contrário de Whitman, reconhece a exis-  
tência do passado. Mas, no que diz respeito à aristocracia,  
também ele a pinta de forma pouco elogiosa. A velha Inglate-  
ra em Hawthorne é associada a expressões como "casa decaden-  
te", "pedra cinzenta", "fora de moda" e outras pertencentes  
ao mesmo grupo semântico. Associando, portanto, palavras  
e expressões como estas à coroa britânica, Hawthorne torna-  
se mais uma força do movimento anti-aristocrático. Este sen-  
timento se torna ainda mais claro se lembrarmos a evidente  
intenção de Hawthorne em fazer, da pequena Pearl o novo he-  
rói/heroína democrático(a), a nova Eva. Que Hawthorne a via  
como uma espécie de Adão do sexo feminino está óbvio no capí-  
tulo "Pearl" de sua obra the Scarlet Letter: Hawthorne parece,  
visivelmente preocupado com o novo homem americano, nascido  
na América e que deveria ter o papel histórico de ser um  
substituto, possivelmente um substituto melhor, para as Hes-

ters, Dimmesdales e Chillingworths, que estavam nos Estados Unidos mas que não podiam ser caracterizados como americanos.

A abordagem anti-aristocrática de Twain pode ser vista em praticamente todo o seu livro As Aventuras de Huckleberry Finn. Nele encontramos, entre outras coisas, duas famílias aristocráticas que absurdamente lutam entre si há varias gerações sem nem mesmo saberem porque estão lutando. Também não devemos nos esquecer de mencionar o Duque e o Rei - o próprio símbolo da decadência do mundo aristocrático. No mundo de Twain estas pessoas não conseguem ser reais; elas têm de ser uma farsa; e são.

Outra grande tendência do intelectual americano do século passado foi a atitude anti-ciência. Este assunto na verdade merece um estudo monográfico e por isso não cabe neste trabalho. De qualquer modo, não pode haver leitor de Moby Dick que não se recorde da cena em que o Capitão Ahab irritado com as informações restritas que o seu quadrante podia lhe fornecer (ele só podia informar-lhe onde estava mas não onde estaria mais tarde), ele o joga ao convés e o faz em pedaços. Embora a simbologia possa nos levar a outras interpretações, é inegável que Ahab está se negando a ser guiado por um dos principais instrumentos científicos de navegação da época. Trata-se de uma crítica às limitações implícitas à ciência, sem dúvida. Semelhantemente, Emerson e Whitman não aceitavam a ciência como possuidora da verdade final. O grande livro da sabedoria para eles era a natureza, a sua vida e seus movimentos. A verdade final, portanto, não podia ser fixada em simples versões como pretendiam os enciclopedistas. O intuitivo, para esta geração de intelectuais americanos, fala decisivamente mais alto que o científico.

As alterações destas posturas só surgem com a urbanização da literatura americana através do movimento realista/naturalista — especialmente com Stephen Crane e, depois, com Theodore Dreiser e outros. Com a explosão demográfica em vigor (Nova York passou de 60.000 habitantes no início do século para 600.000 ao terminar o século) já não basta mais di-

zer que temos de escrever os nossos próprios livros — é preciso escrevê-los levando em conta as novas leis sociais e econômicas que movem a sociedade americana. É assim que um título como "Nature" é substituído por Maggie, a Girl of the Streets — uma verdadeira revolução conteudística. Também já não basta ser apenas anti-puritano e democrático — é necessário ver que moral social e que forças político-econômicas são compatíveis com a justiça numa sociedade cada vez mais urbanizada e a qual Upton Sinclair chamaria de "Selva" em seu livro — The Jungle — de 1906. Das transformações sociais, por bem ou por mal, nasceriam as transformações da literatura que, se até então via na criação da identidade americana o seu principal papel histórico, teria que agora encarar e requestionar o grande sonho democrático americano que na Selva de Sinclair e na Tragédia Americana de Dreiser viu o seu pesadelo já no crepúsculo do século que passou.

#### BIBLIOGRAPHY

THOREAU, Henry David - The Variourum Walden, Washington Square Press, New York, 1963.

HAWTHORNE, Nathaniel - The Scarlet Letter and Selected Tales, Penguin, Harmondsworth, 1976.

MELVILLE, Herman - Moby Dick, Penguin, Harmondsworth, 1972.

WHITMAN, Walt - "Song of Myself", in The American Tradition in Literature, V.2, Grosset & Dunlap, Inc., New York, 1967.

CLEMENS, Samvel Langhorne - The Adventures of Huckleberry Finn in Bradley, S. Et Alia, The American Tradition in Literature, V.2, Grosset & Dunlap, Inc., New York, 1967.

EMERSON, Ralph Waldo - "Nature" in The American Tradition in Literature, V. 1 Grosset and Dunlap, Inc., New York, 1962.

- "The American Scholar", as above.

Vertical line on the left side of the page.

Vertical line on the right side of the page.